



Héctor Abad Faciolince
Somos o esquecimento
que seremos

Tradução de Margarida Amado Acosta

Lá em casa viviam dez mulheres, um menino e um senhor. As mulheres eram a Tatá, que fora ama da minha avó, tinha quase cem anos e estava meio surda e meio cega; duas criadas — a Emma e a Teresa; as minhas cinco irmãs — a Maryluz, a Clara, a Eva, a Marta e a Sol; a minha mãe e uma freira. O menino, eu, amava o senhor, seu pai, acima de todas as coisas. Amava-o mais que a Deus. Um dia, tive de escolher entre Deus e o meu pai, e escolhi o meu pai. Foi a primeira discussão teológica da minha vida e travei-a com a irmã Josefa, a freira que tomava conta de mim e da Sol, os irmãos mais novos. Se fechar os olhos, ainda consigo ouvir a sua voz áspera, grossa, comparada com a minha voz infantil. Era uma manhã luminosa e estávamos no pátio, ao sol, a olhar para uns colibris que faziam o percurso das flores. Sem mais nem menos, a irmã disparou:

— O seu pai vai para o Inferno.

— Porquê? — perguntei.

— Porque não vai à missa.

— E eu?

— O menino vai para o Céu, porque reza todas as noites comigo.

De noite, enquanto ela trocava de roupa atrás do biombo dos unicórnios, rezávamos pai-nossos e ave-marias. No fim, antes de irmos para a cama, rezávamos o credo: «Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis...» Ela despia o hábito atrás do biombo, para que não lhe víssemos o cabelo; tinha-nos dito que ver o cabelo de uma freira era

pecado mortal. Eu, que percebo bem as coisas, mas devagar, passei todo o dia a imaginar-me no Céu sem o meu pai (espreitava por uma janela do Paraíso e via-o lá em baixo, a pedir ajuda enquanto ardia nas chamas do Inferno) e, nessa noite, quando ela começou a entoar as orações atrás do biombo dos unicórnios, disse-lhe:

— Nunca mais rezo.

— Ai não? — desafiou-me ela.

— Não. Eu já não quero ir para o Céu. Não gosto do Céu sem o papá. Prefiro ir para o Inferno com ele.

A cabeça da irmã Josefa apareceu (foi a única vez que a vimos sem véu, ou seja, a única vez que cometemos o pecado de ver as suas melenas desprovidas de encanto) e gritou: «Chiu!» Depois, benzeu-se.

Eu gostava do meu pai com um amor que nunca mais voltei a sentir até ao nascimento dos meus filhos. Quando estes nasceram, reconheci-o, porque é um amor igual em intensidade, embora diferente e, de certa maneira, oposto. Eu sentia que a mim nada me poderia suceder se estivesse com o meu pai. E sinto que nada acontecerá aos meus filhos se estiverem comigo. Ou seja, eu sei que me deixaria matar, sem vacilar um só instante, em defesa dos meus filhos. E sei que o meu pai se teria deixado matar sem vacilar um só instante para me defender a mim. A ideia mais insuportável da minha infância era imaginar que o meu pai podia morrer e, por isso, decidi que me atiraria ao rio Medellín se ele alguma vez morresse. E também sei que há algo muito pior que a minha morte: a morte de um filho meu. Tudo isto é uma coisa muito primitiva, ancestral, que se sente no mais profundo da consciência, num sítio anterior ao pensamento. É algo que não se pensa, mas que simplesmente é assim, sem atenuantes, pois não o sabemos com a cabeça, mas com as entranhas.

Eu amava o meu pai com um amor animal. Gostava do cheiro dele, e também da lembrança do cheiro dele,

sobre a cama, quando estava de viagem, e pedia às criadas e à minha mãe que não mudassem os lençóis nem a fronha da almofada. Gostava da voz dele, gostava das suas mãos, da pulcritude da sua roupa e da meticulosa limpeza do seu corpo. Quando tinha medo, à noite, esgueirava-me para a sua cama, e ele sempre arranjava um espaço para me acolher. Nunca disse que não. A minha mãe protestava, dizia que estava a ficar malcriado, mas o meu pai deslizava até à ponta do colchão e deixava-me ficar. Eu sentia pelo meu pai a mesma coisa que os meus amigos diziam que sentiam pela mãe deles. Cheirava o meu pai, passava-lhe o braço por cima, enfiava o dedo polegar na boca e adormecia profundamente até o barulho dos cascos dos cavalos e as sinetas da carroça do leite anunciarem o amanhecer.

O meu pai deixava-me fazer tudo o que eu quisesse. Dizer *tudo* é um exagero. Não podia fazer nojices como escarafunchar o nariz ou comer terra; não podia bater na minha irmã mais nova nem com a pétala de uma rosa; não podia sair sem avisar que ia sair, nem atravessar a rua sem olhar para os dois lados; tinha de tratar com mais respeito a Emma e a Teresa — ou todas as empregadas que tivemos naqueles anos: a Mariela, a Rosa, a Margarita — que qualquer visita ou parente; tinha de tomar banho todos os dias, lavar as mãos antes e os dentes depois de comer, e manter as unhas limpas... Mas como eu era de índole muito mansa, aprendi essas coisas elementares rapidamente. Quando digo *tudo* refiro-me, por exemplo, a eu poder mexer nos seus livros ou nos seus discos, sem restrições, e em todas as coisas dele (o pincel de barbear, os lenços, o frasco de água-de-colónia, o gira-discos, a máquina de escrever, a esferográfica) sem pedir autorização. Também não precisava de lhe pedir dinheiro. Ele explicou-mo assim:

— Tudo o que é meu é teu. A minha carteira está aqui, tira tudo o que precisares.

E lá estava sempre, no bolso de trás das calças. Eu pegava no porta-moedas do meu pai e contava o dinheiro. Nunca sabia se havia de tirar um peso, dois pesos ou cinco pesos. Pensava por uns instantes e resolvia não tirar nada. A minha mãe advertiu-nos muitas vezes:

— Meninas!

A minha mãe dizia sempre «meninas» porque havia mais meninas e, nessa época, a regra gramatical (um homem

entre mil mulheres converte tudo no género masculino) não contava para ela.

— Meninas! Aqui, os professores são muito mal pagos, não ganham quase nada. Não abusem do pai, que ele é tonto e dar-lhes-á tudo que lhe pedirem, mesmo que não possa.

Eu pensava que todo o dinheiro que havia no porta-moedas era para tirar. Às vezes, quando estava mais cheio, no início do mês, pegava numa nota de vinte pesos enquanto o meu pai estava a dormir a sesta e levava-a para o meu quarto. Brincava um bocado com ela, sabendo que era minha, e fazia de conta que comprava coisas (uma bicicleta, uma bola de futebol, uma pista elétrica de carinhos, um microscópio, um telescópio, um cavalo) como se tivesse ganhado a lotaria. Mas, depois, voltava a pô-la no seu lugar. Quase nunca havia muitas notas e, no fim do mês, às vezes, não havia nem uma, pois não éramos ricos, embora parecesse, porque tínhamos uma quinta, um carro, criadas ao nosso serviço e até uma freira de companhia. Quando nós perguntávamos à nossa mãe se éramos ricos ou pobres, ela respondia sempre a mesma coisa: «Meninas, nem uma coisa nem outra: somos remediados.» Muitas vezes, o meu pai dava-me dinheiro sem que lho pedisse e, então, eu não tinha pruridos nenhuns em aceitá-lo.

Estava tão baralhado em relação ao meu género gramatical, ou à minha identidade, que, quando consegui pentear-me sozinho pela primeira vez na vida, fazendo um risco perfeito para o lado direito (o lado errado), perguntei às minhas irmãs:

— Estou bem penteadinha?

Nos meus ouvidos ainda ressoam as gargalhadas de cinco raparigas a rir em coro. Desde que isso aconteceu, nunca mais voltei a pentear-me.

*

Segundo a minha mãe, e com razão, o meu pai era incapaz de compreender a economia doméstica. Ela começara a trabalhar num pequeno escritório, no centro — contra o parecer do marido —, porque o dinheiro do professor nunca dava para chegar ao fim do mês e não se podia recorrer a nenhuma reserva, porque o meu pai nunca teve qualquer noção de poupança. Quando chegavam as contas, ou quando a minha mãe lhe dizia que era necessário pagar ao pedreiro que tinha tratado de umas infiltrações de água no teto, ou ao electricista que havia reparado um curto-circuito, o meu pai ficava de mau humor e fechava-se na biblioteca a ler e a ouvir música clássica aos altos berros, para acalmar. Era ele que contratava os pedreiros, mas esquecia-se sempre de perguntar, primeiro, quanto é que levariam pelo trabalho e, por isso, no final pediam o que lhes apetecia. Se era a minha mãe a fazer a contratação, pelo contrário, pedia dois orçamentos, regateava, e nunca havia surpresas no fim.

O meu pai nunca tinha dinheiro suficiente porque estava sempre a dar ou a emprestar a quem quer que lho pedisse: parentes, conhecidos, estranhos, mendigos. Os estudantes da universidade aproveitavam-se dele. E também abusava dele o caseiro da quinta, o Don Dionisio, um jugoslavo descarado que obrigava o meu pai a dar-lhe dinheiro em troca da promessa de maçãs, peras e figos mediterrânicos que a horta da quinta nunca chegou a ver. No fim, lá acabou por conseguir que medrassem os morangos e as hortaliças, montou um negócio numa terra que comprou com o dinheiro que o meu pai lhe dava e prosperou bastante. Então, o meu pai contratou, para tomarem conta da quinta, o Don Feliciano e a Dona Rosa, os pais da Teresa, a criada, que estavam a morrer de fome numa aldeia do Nordeste chamada Amalfi. Só que o Don Feliciano tinha quase oitenta anos, estava doente, com artrite, e não podia trabalhar na horta, e, por isso,

os legumes e os morangos do Don Dionisio perderam-se, e a quinta, seis meses depois, estava uma autêntica desgraça. Mas não íamos deixar morrer à fome a Dona Rosa e o Don Feliciano, porque isso ainda teria sido pior. Teríamos de esperar até que eles morressem de velhos para contratar outros caseiros, e assim foi. Depois, vieram o Edilso e a Belén, que ainda por lá continuam, trinta anos depois, com um contrato muito estranho inventado pelo meu pai: a terra é nossa, mas as vacas e o leite são deles.

Eu sabia que os estudantes lhe pediam dinheiro emprestado porque o acompanhava muitas vezes à universidade e o gabinete dele parecia um lugar de peregrinação. Os estudantes faziam fila à porta: é certo que alguns estavam lá para o consultarem sobre assuntos académicos ou pessoais, mas o que queriam quase todos era pedir-lhe dinheiro emprestado. Sempre que lá ia, via o meu pai abrir a carteira muitas vezes e entregar aos estudantes notas que jamais lhe foram devolvidas. É por isso que havia sempre um enxame de pedinchões a rondá-lo.

— Pobres rapazes — dizia —, nem sequer têm dinheiro para o almoço. Com fome, é impossível estudar.

Antes de ir para o infantário eu não gostava nada de passar todos os dias em casa com a Sol e a freira. Quando se esgotavam os meus jogos de menino solitário (fantasias no chão com castelos e soldados), a coisa mais empolgante que ocorria à irmã Josefa, além de rezar, era ir para o pátio da casa ver os colibris a chupar as flores, ou dar passeios pelo bairro com um carrinho onde se sentava a minha irmã, que adormecia logo, e que também me levava a mim, de pé, em cima dos suportes da parte de trás, quando estava cansado de andar, enquanto a freira empurrava o carrinho pelos passeios. Como essa rotina diária me aborrecia, eu pedia ao meu pai que me levasse com ele para o trabalho.

Ele trabalhava na Faculdade de Medicina, ao lado do Hospital de São Vicente de Paulo, no Departamento de Saúde Pública e Medicina Preventiva. Quando não podia ir com ele, por ter muito que fazer nessa manhã, pelo menos levava-me a dar uma volta ao quarteirão de carro. Sentava-me nos joelhos e eu manobrava o volante, sob a sua vigilância. Era um paquiderme velho, grande, barulhento, azul-claro, um *Plymouth* com caixa de velocidades automática que aquecia demasiado e desatava a deitar fumo pela parte da frente sempre que subia uma lomba. Quando podia, pelo menos uma vez por semana, o meu pai levava-me à universidade. Ao entrar, passávamos ao lado do anfiteatro, onde se davam aulas de Anatomia, e eu implorava-lhe que me mostrasse os cadáveres. Ele respondia sempre: «Não, ainda não.» Todas as semanas era a mesma coisa:

— Papá, quero ver um morto.

— Não, ainda não.

Uma vez, como sabia que não havia aulas, nem morto, entrámos no anfiteatro, que era muito antigo, daqueles com galerias em redor para que os estudantes pudessem ver bem a dissecação de cadáveres. No centro do salão havia uma mesa de mármore onde se punha o protagonista da aula, tal como no quadro de Rembrandt. Porém, nesse dia o anfiteatro estava vazio de cadáver, de estudantes e de professor de Anatomia. Nesse vazio, no entanto, persistia um certo cheiro a morte, como uma impalpável presença fantasmagórica que me fez ter consciência, nesse preciso instante, de que no peito me palpitava um coração.

Enquanto o meu pai dava a sua aula, eu esperava por ele sentado à secretária a desenhar ou a escrever à máquina, fingindo que escrevia como ele, com o dedo indicador das duas mãos. Ao longe, Gilma Eusse, a secretária, olhava para mim, sorrindo com picardia. De que sorriria ela, não sei. Tinha uma fotografia emoldurada do seu casamento na qual estava vestida de noiva a casar com o meu pai. Eu perguntava-lhe uma e outra vez porque é que tinha casado com o meu pai, e ela explicava-me, a sorrir, que tinha casado com um mexicano, o Iván Restrepo, por procuração, e que o meu pai tinha sido seu representante na igreja. Enquanto me falava desse casamento para mim incompreensível (tão incompreensível como o dos meus próprios pais, que também se tinham casado por procuração, e nas fotografias do casamento via-se a minha mãe a casar com o tio Bernardo), a Gilma Eusse sorria, sorria, com a cara mais alegre e cordial que se pode imaginar. Parecia a mulher mais feliz do mundo até que um dia, sem deixar de sorrir, deu um tiro no céu da boca e ninguém soube porquê. Mas nessas manhãs da minha infância ela ajudava-me a pôr o papel no rolo da máquina de escrever. Eu não sabia escrever, mas já escrevia, e quando o meu pai saía das aulas mostrava-lhe o resultado.

— Olha o que eu escrevi.
Eram umas quantas linhas cheias de gatafunhos:

Jasiewiokkejmdero
jikemehoqpicñq.zkc
ollq2»sa9lokjdoooo

— Muito bem! — dizia o meu pai com uma gargalhada de satisfação, e felicitava-me com um grande beijo na bochecha, ao lado da orelha. Os beijos dele, grandes e sonoros, deixavam-nos atordoados e ribombavam no tímpano como uma recordação dolorosa e feliz, durante muito tempo. Na semana seguinte, antes da aula, incumbiu-me de copiar uma série de vogais, primeiro o á, depois o é, e assim sucessivamente, ao longo das semanas seguintes, cada vez mais consoantes, primeiro as mais comuns, o cê, o pê, o tê, e, depois, todas, até ao xis, e o agá, que embora fosse mudo e se usasse pouco, também era muito importante, porque era a letra pela qual começava o nosso nome. Por isso, antes de ir para a escola eu já era capaz de distinguir todas as letras do abecedário, não pelo nome, mas pelo som, e quando a professora da primeira classe, Lyda Ruth Espinosa, nos ensinou a ler e a escrever, eu aprendi num instante, compreendendo rapidamente o mecanismo, como por encanto, como se tivesse nascido a saber escrever.

Havia uma palavra, no entanto, que não me entrava na cabeça e que demorei anos a aprender a ler corretamente. Sempre que aparecia nalgum escrito (e ainda bem que era pouco frequente), eu ficava bloqueado, a voz não me saía. Se dava com ela, tremia, pois tinha a certeza de que não seria capaz de a pronunciar bem: era a palavra «pároco». Eu não sabia onde pôr o acento e quase sempre, por absurdo, em vez de o pôr nalguma vogal (que, ainda por cima, era sempre no ó), punha toda a ênfase no erre: «parrrrrrroco».

E saía-me grave, «paróco», ou aguda, «parocó», mas nunca esdrúxula. A minha irmã Clara passava a vida a gozar comigo por causa deste bloqueio, e sempre que podia escrevia-a num papel e perguntava-me, com um sorriso radiante: «Gorducho, o que é que diz aqui?» A mim bastava-me vê-la para ficar logo vermelho e não conseguir lê-la.

Foi exatamente a mesma coisa que me sucedeu anos mais tarde com a dança. As minhas irmãs eram todas grandes dançarinas, e eu também tinha bom ouvido, como elas, pelo menos para cantar, mas quando elas me convidavam para dançar eu punha o acento da dança onde não correspondia, com uma arritmia total ou com o mesmo ritmo dos risos delas, quando me viam mexer os pés. E embora tivesse chegado o dia que aprendi a ler «pároco» sem me enganar, os passos de dança, pelo contrário, ficaram-me vedados para sempre. Ter uma mãe é difícil; agora imaginem o que é ter seis.

Creio que o meu pai não demorou muito a perceber que havia uma maneira de me impedir de fazer uma coisa definitivamente: gozar comigo. Se me apercebesse de que o que eu estava a fazer podia parecer ridículo, risível, nunca mais voltava a tentar. Talvez fosse por causa disso que ele festejava, na minha escrita, até os gatafunhos sem sentido, e que me ensinou muito devagar a maneira como as letras representavam os sons, para que os meus erros iniciais não provocassem o riso. Eu aprendi, graças à paciência dele, todo o abecedário, os números e os sinais de pontuação na sua máquina de escrever. Talvez isto explique o facto de que, para mim, são os teclados — muito mais que os lápis ou as canetas — que representam de maneira mais fidedigna a escrita. Essa maneira de ir afundando os sons, como num piano, convertendo as ideias em letras e em palavras, parecia-me, no início — e ainda hoje me continua a parecer —, uma das magias mais extraordinárias do mundo.

Além do mais, por causa da admirável habilidade linguística que as mulheres têm, as minhas irmãs nunca me deixavam falar. Mal eu abria a boca para tentar dizer qualquer coisa, já elas a tinham dito, mais demoradamente e muito melhor, com mais graça e mais inteligência. Acho que tive de aprender a escrever para poder comunicar de vez em quando e, desde muito pequeno, enviava cartas ao meu pai, que as festejava como se fossem epístolas de Sêneca ou obras-primas da literatura.

Quando me apercebo de quão limitado é o meu talento para escrever (quase nunca consigo fazer com que as palavras soem tão nítidas como as ideias no pensamento; o que faço parece-me um balbucio pobre e torpe comparado com o que poderiam ter dito as minhas irmãs), recordo a confiança que o meu pai tinha em mim. Então, levanto os ombros e prossigo. Se ele gostava até das minhas linhas de gatafunhos, que importa se o que escrevo não me satisfaz totalmente? Creio que o único motivo por que fui capaz de continuar a escrever todos estes anos e de entregar os meus escritos à imprensa foi saber que o meu pai teria desfrutado mais do que ninguém com a leitura destas páginas minhas que nunca pôde ler. Que não lerá nunca. É um dos paradoxos mais tristes da minha vida: quase tudo o que escrevi foi escrito para alguém que não me pode ler, e mesmo este livro não é mais do que uma carta a uma sombra.

**A obra-prima do escritor colombiano
é um comovente tributo à memória pessoal,
familiar e política do seu pai. Um dos romances
latino-americanos mais celebrados do século XXI.**

«Creio que o único motivo por que fui capaz de continuar a escrever todos estes anos e de entregar os meus escritos à imprensa foi saber que o meu pai teria desfrutado mais do que ninguém com a leitura destas páginas minhas que nunca pôde ler. Que não lerá nunca. É um dos paradoxos mais tristes da minha vida: quase tudo o que escrevi foi escrito para alguém que não me pode ler.»

A 25 de Agosto de 1987, o médico colombiano Héctor Abad Gómez é assassinado por paramilitares na cidade de Medellín, a poucos dias de umas eleições em que era candidato. Seis balas na cabeça puseram fim a uma vida de luta contra a opressão e a desigualdade social, num país amordaçado pelo narcotráfico e pela política suja. Vinte anos depois, o filho, o escritor Héctor Abad Faciolince, decidiu contar a história do pai até ao terrível epílogo. O resultado é um livro belíssimo, poderoso no que conta, comovente no que deixa intuir, uma história dilacerada e dilacerante sobre família e pertença, sobre perda e luto.

Educação sentimental, romance de formação, radiografia da sociedade colombiana desfigurada pela violência, *Somos o esquecimento que seremos* é um romance em que pulsam memórias e afetos, escrito com a cabeça e com o coração, que emociona sem sentimentalismo, que indigna sem reclamar vingança. A obra-prima de um dos mais elogiados escritores colombianos do nosso tempo.



**«A mais apaixonante experiência que, enquanto leitor,
tive nos últimos anos.»**

MARIO VARGAS LLOSA

«Fervoroso livro de memórias, escrito com amor e sangue.»

The New York Times

Prémio de Criação Literária da Casa da América Latina (Portugal)

Prémio WOLA-Duke de Direitos Humanos (Estados Unidos)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alaguaraeditora

📷 penguinlivros

ISBN 9789897871658



9 789897 871658 >